

Índices de modalização na construção da imagem de si

Maria do Socorro de Almeida Farias¹, Prof^a Vera Lúcia Pires²

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

² Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

marisocorrof@ibest.com.br, vera.pires@terra.com.br

Resumo. Temos como objetivo, na comunicação proposta, verificar como os índices de modalização auxiliam na construção da imagem de si no discurso das autoras das cartas de aconselhamento enviadas para a revista *Veja.com*. A partir desse objetivo, pretendemos observar se essas imagens e discursos vinculados e solidificados pela mídia rompem com o estereótipo tradicional da figura feminina e seu papel social ou pontuam papéis conservadores.

Abstract. The objective, in the proposed report, is verify how the rates of modalization assist in the construction of self image in the discourse of advice letters' authors sended to *Veja.com* magazine. Thereafter, we intend to observe if these images and discourses, entailed and solidified through media, break with the traditional female stereotype and its social roles or if they point the conservative roles.

Palavras-chave: índices de modalização, gênero e mídia

1. Introdução

O presente trabalho está vinculado ao grupo de pesquisa “Estudos de gênero nos discursos do cotidiano” e à linha de pesquisa “Linguagem como prática social” do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM). Este trabalho contempla questões da Enunciação e das relações sociais de gênero em discursos da mídia.

Objetivamos, na comunicação proposta, verificar, no nosso *corpus*, composto pelo gênero discursivo “carta de aconselhamento”, publicado na revista *Veja.com*, como os índices de modalização auxiliam na construção da imagem de si no discurso das mulheres autoras das cartas enviadas para a revista. A partir desse objetivo, pretendemos observar se essas imagens e discursos vinculados e solidificados pela mídia rompem com o estereótipo tradicional da figura feminina e seu papel social ou pontuam papéis conservadores.

Considerações sobre relações sociais de gênero, sobre o ethos e estereótipo com base em Amossy (2005) e Maingueneau (2008) e sobre os estudos enunciativos de Kerbrat-Orecchioni (1980), que discute os índices de modalização como inscrição do sujeito no discurso, compõe a nossa reflexão teórica e nos possibilitam desenvolver a análise proposta.

O *corpus* deste trabalho é constituído por duas cartas de aconselhamento publicadas na coluna “Consultório Sentimental” da revista Veja.com. A coluna recebe cartas tanto de mulheres quanto de homens, que escreveram para a especialista Betty Milan, a fim de pedir conselhos acerca de problemas sentimentais, familiares, entre outros.

Selecionamos para este trabalho cartas escritas por mulheres intituladas: “Ora, o futuro” e “Cair na real”.

2. Considerações teóricas

De acordo com Ghilardi-Lucena (2008, p.13), na modernidade, os papéis sociais de mãe, pai, filho, homem, mulher ainda são fixos, porém as fronteiras que delimitam outros papéis sociais estão se expandindo e ofuscando tais limites. Tomaremos como exemplo o papel social instituído ao homem de prover a casa enquanto cabe à mulher cuidar do lar e muitas preenchem seu dia com jornada dupla (público/privado). Temos conhecimento que devido a fatores socioeconômicos e também a fatores familiares –divórcio, viuvez- esses papéis, em vários casos, se inverteram, pois hoje em dia já é natural ver homens cuidando da casa e mulheres cuidando da vida econômica da família.

Novas relações sociais de gênero se constituem e, conseqüentemente, novas identidades, novas imagens de si são construídas socialmente resultantes da interação entre eu e o outro e materializadas pela linguagem, pelo discurso. Ghilardi-Lucena (2008, p.17) afirma que “o discurso sobre o homem é atravessado pelo discurso sobre a mulher”.

A mesma autora acrescenta que tanto o perfil feminino quanto o masculino “são frutos da mesma formação discursiva, que os marca pelas mesmas regras de formação e remetem a uma mesma formação ideológica” (2008, p.17).

Os discursos naturalizados na sociedade a partir de modos de viver, de pensar e de falar, que determinam de certa forma, o que deve ou não ser dito, são muitas vezes solidificados pela mídia. Esta atua tanto na produção quanto na circulação de discursos que determinam como devemos observar e avaliar a relação mulher x homem na sociedade, em casa, na vida profissional.

As relações sociais de gênero são constituídas a partir da interação mulher x homem na sociedade, havendo mudanças sociais haverá mudanças nessas relações. Nas palavras de Ghilardi-Lucena (2008, p18), “os papéis sociais de homens e mulheres estão se alterando e o século XXI mostrará atitudes e comportamentos bem diferentes daqueles dos séculos passados”. Esses papéis sociais, as atitudes e comportamentos de mulheres e homens contemporâneos são alvo da mídia, que acompanha as mudanças sociais e atinge toda a sociedade pelas revistas, pelos jornais, pela Internet, pela televisão.

De acordo com Marcello (2005, p.159), os meios de comunicação mostram-se como lugares privilegiados de informação e buscam captar e prender o leitor na sua intimidade. Com isso, os discursos veiculados pela mídia “mexem” com o seu leitor alvo fazendo com que ele se (re)conheça e (re)conheça (supostas) verdades sobre comportamentos, atitudes, imagens, de si e estereótipos cristalizados socialmente.

Para Amossy (2005), os estereótipos existentes nas sociedades resultam da “operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema cristalizado” (2005, p.125). As comunidades avaliam um sujeito e instauram um modelo pré-construído a ele, considerando o grupo que pertence, a classe social em que circula, a sua etnia, seu posicionamento político.

A mesma autora também afirma que “é o conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem” (2005, p.127). O locutor produz seu discurso de acordo com o seu destinatário e este antecipa um valor, uma imagem ao locutor de acordo com os estereótipos a ele atribuídos.

Amossy (2005) argumenta que a noção de estereótipo deve ser considerada para o estabelecimento do ethos, porque a imagem de si construída no discurso é reconhecida a partir das representações compartilhadas e relacionadas com a cultura de um grupo.

Segundo Maingueneau (2005, p.16) “o enunciador deve se conferir e conferir a seu destinatário certo status para legitimar seu dizer: com um saber”. O locutor nomeado por Maingueneau como enunciador mostra um modo de enunciação, ou seja, certa maneira de dizer. Desse modo, a imagem de si desenvolve-se no momento da enunciação.

O modo de dizer contribui para o estabelecimento da inter-relação entre o locutor e seu interlocutor além de permitir a construção de uma imagem desse locutor quando este apreende a partir dos índices discursivos que chamamos de índices de modalização. A construção da imagem de si, do ethos, está ligada a enunciação. Dessa forma, para analisar essa imagem devemos observar a inscrição do locutor no seu enunciado através de indícios deixados por ele no ato enunciativo.

Catherine Kerbrat-Orecchioni (1980) estuda essa inscrição do sujeito em todo ato enunciativo. A teórica trabalhou com as unidades subjetivas nos enunciados, entendidas como marcas lingüísticas que identificam o locutor no centro de seu enunciado e as modalidades da existência dessa inscrição.

A autora chama a atenção para os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios como pontos que sinalizam a inscrição e o juízo avaliativo do locutor sobre algo durante a enunciação.

Essas marcas que chamamos de índices de modalização também contribuem para a construção do ethos, ou seja, para a construção da imagem de si. Nesse contexto, vamos atentar para a importância desses índices na construção da imagem de si nas cartas aqui selecionadas.

3. “Ora, o futuro” e “Cair na real”

Como escrevemos anteriormente, a mídia busca apreender o seu leitor na sua intimidade. Nesse contexto, as cartas de aconselhamento são um gênero discursivo que

podemos classificar como um gênero íntimo, já que expõem situações pessoais dos sujeitos que escrevem e tocam no íntimo dos leitores, provocando reações e respostas de seus interlocutores.

As pessoas que escrevem as cartas, o fazem porque buscam, na maioria dos casos, ajuda para resolver algum problema sentimental, familiar, sexual. A partir do seu discurso deixam marcas que auxiliam na construção da imagem de si.

A carta **“Ora, o futuro”**, publicada dia 15 de abril de 2008 versa sobre a problemática da tradição x amor. A autora dessa carta relata que conheceu “um homem incrível na internet” e com ele iniciou um relacionamento amoroso, porém ambos não têm coragem de expor tal relação. Dois motivos impedem que essa relação se torne pública: a diferença de altura e de idade.

Nessa relação, o homem além de ser mais baixo que a mulher e é 16 anos mais velho do que ela. Na carta, perpassam esses dois fatores como pontos conflitantes para a mulher, porque pelo conhecimento que temos, os padrões sociais ditam que num casal, o homem geralmente tem uma estatura maior em relação à da mulher. Ela (a autora da carta) desabafa: “ele teme o preconceito dos meus familiares”. Com essa afirmativa, podemos formar uma imagem dessa mulher: aquela que talvez busca seguir o instituído, pois como argumenta “tenho medo de não agüentar as pressões externas”. Ela também se aflige com a idade do namorado, sabemos que se tornou natural o relacionamento entre mulheres jovens e homens maduros, porém a leitora ainda preocupa-se com isso, como podemos concluir em “como ele é bem mais velho, me pergunto o que o futuro nos reserva quando as diferenças forem ainda maiores?”.

Com os excertos, “fico fascinada com as histórias que ele me conta sobre viagens” e “apesar de ser mecânico ele tem uma sede invejável de cultura”, ela constrói uma imagem de quem valoriza o conhecimento e conseqüentemente deve ser uma mulher que busca ser culta .

Percebemos que a imagem dela se constrói tanto pelo que diz sobre si quanto pelo que diz sobre o outro.

No discurso da colunista podemos perceber que ela desvela a imagem dessa mulher e torna claro que ela é uma mulher que não busca viver o que sente, mas o que a sociedade impõe como correto. O excerto seguinte confirma isso: “Quem ama... Não quer saber da diferença de idade e de altura, e nem precisa resistir às pressões externas simplesmente porque não dá ouvidos a elas. Será que você ama o homem incrível que você conheceu?”

Percebemos nesta carta, que a imagem da mulher vai se construindo com a ajuda de adjetivos “incrível”, “fascinada”, “invejável”, e também por verbos que indicam sentimentos, tais como: “tenho medo”, “agüentar”, “querer”. Os verbos de sentimento, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1980) são afetivos e axiológicos e expressam uma disposição favorável ou desfavorável do enunciador frente ao seu objeto. Nesta carta, esses índices mostram uma mulher aflita porque está dividida entre a paixão e os valores e atitudes que toma como corretos.

A carta **“Cair na real”** também foi escrita por uma mulher que se apaixonou, mas essa paixão a aflige muito pela idade do parceiro. Nesta carta, diferente da carta anterior, a mulher é mais velha que seu namorado e isso é motivo de dúvidas se deve ou não viver a paixão. Ela inicia sua carta assim “Li as respostas e me animei a enviar este

e-mail, pedindo sua opinião sobre uma situação que me aflige muito". Depois relata "com 30 anos passei num concurso público, me apaixonei pelo trabalho e me esqueci da vida". A situação que a aflige é apresentada quando diz "conheci pela internet um rapaz por quem estou perdidamente apaixonada. O problema é que ele tem 23 anos e pensa que eu tenho 33". A seguir afirma que já adiou o encontro porque tem medo de que ele não sinta por ela o mesmo que ela sente.

Percebe-se que ela teme que ele ao vê-la perceba a diferença de idade e a rejeite, porque como diz "não quero sofrer"... "fico desesperada". Termina a sua carta perguntando se "acha que devo tentar viver essa paixão ou cair na real". Para ela, cair na real significa: sou mais velha que ele, portanto não posso viver essa paixão. Outra vez percebemos que os estereótipos de que homens devem ser mais velhos que as mulheres incomodam os sujeitos que temem viver suas paixões e buscar a felicidade amorosa porque ainda estão enraizadas na suas vivências, nos seus conceitos estereótipos cristalizados socialmente.

A colunista confirma a imagem dessa mulher preocupada com a opinião alheia "A questão da idade não é preocupante. Que diferença faz para um homem de 23 anos amar uma mulher de 33 ou de 42? Nenhuma. Quem se importa com a diferença de idade é você, que quer ser como as suas amigas e se casar. Como se o casamento acontecesse quando e por que a gente quer. E como se um de nós fosse igual a algum outro."

Percebemos que na carta "Cair na real", temos os verbos de sentimento sinalizando uma disposição favorável ao que é dito, primeiro ela se apaixonou pelo trabalho, logo o verbo aparece para indicar seu sentimento atual: "estou perdidamente apaixonada"

Aparecem também os verbos que indicam um sentimento desfavorável, tais como "afligir", a expressão "não quero", cujo advérbio de negação muda o sentido do verbo "querer" (verbo de sentimento para algo favorável), logo temos a expressão "fico desesperada" que também indica algo desfavorável à sua tranquilidade.

Como verbos de avaliação que pertencem ao eixo verdadeiro/falso/incerto, temos os verbos de opinião: "acha que devo" também podemos colocar neste eixo a expressão "estou pedindo a sua opinião situação que me aflige muito", pois a autora está incerta sobre a atitude que deve tomar no relacionamento que vive.

Vemos que os verbos/ e ou expressões sinalizam pontos que nos permite analisar a imagem que essas mulheres fazem de si nesses discursos.

A mídia torna público tais dúvidas, tais aflições que os sujeitos vivem quando confrontados pelas ditas regras impostas pela sociedade.

4. Referências Bibliográficas

AMOSSY R. **Imagens de si no discurso-a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.207 p.

GHILARDI-LUCENA, M. I. & OLIVEIRA, F. de. **Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Alínea, 2008.292 p.

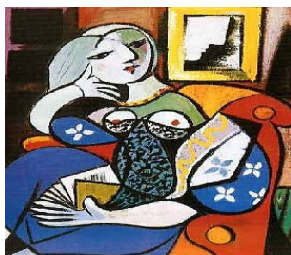
KERBRAT-ORECCHIONI, C. **La enunciación de la subjetividad en el lenguaje**. Buenos Aires, Hachette S.A, 1980.307 p.

MAINGUENEAU, D. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA Raquel, ANA, SALGADO, LUCIANA. **Ethos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.cap.1, p.11-32.

MARCELLO, F. de A. Dispositivo da maternidade: a fecundidade dos saberes na mídia contemporânea. In: FUNCK, S. B.; WIDHOLZER, N. R. (Org).**Gênero em discurso da mídia**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.cap.7, p.159-185.

Terça-feira, 19 de Fevereiro de 2008

Cair na real



Por incrível que pareça ainda não conhecia sua coluna e logo de cara adorei. Li as respostas e me animei a enviar este email, pedindo sua opinião sobre uma situação que me aflige muito. Tenho 42 anos, mas não parece, pois sou mignon e tenho um jeito de falar e de ser meio infantil. Minhas amigas já estão quase todas casadas. Uma única amiga e eu somos solteiras. Com 30 anos passei num concurso público, me apaixonei pelo trabalho e me esqueci da vida. Mas há dois anos e meio conheci pela internet um rapaz por quem estou perdidamente apaixonada. O problema é que ele tem 23 anos e pensa que eu tenho 33, porque menti sobre a idade. Já adiei mil vezes o encontro, de medo dele não sentir por mim o que eu sinto por ele. Não quero sofrer. Tenho idade para ser mãe dele e quando me lembro disso fico desesperada. Acha que devo tentar viver essa paixão ou cair na real? Me ajude, me dê uma luz.

Acho que você deve cair na real vivendo a paixão. Não pense que estou brincando. De que adianta evitar uma paixão pela qual a gente está tomado? Melhor vivê-la. Se o sujeito não vive, sofre. Se vive, pode sofrer, mas também pode se dar bem e ficar feliz. Talvez não seja o caso de se casar com um rapaz de 23 anos, porém o que te impede de encontrá-lo e viver o que for possível hoje? Queira ou não, ele é o homem da sua vida, ele que te faz sonhar, pisar nas nuvens e o que você mais quer é isso.

A questão da idade não é preocupante. Que diferença faz para um homem de 23 anos amar uma mulher de 33 ou de 42? Nenhuma. Quem se importa com a diferença de idade é você, que quer ser como as suas amigas e se casar. Como se o casamento acontecesse quando e por que a gente quer. E como se um de nós fosse igual a algum outro.

Só o que é comum a todos é a paixão do amor, que nos torna menos mortais e pode justificar a existência. O amor é sempre moderno, nós é que não somos. Escrevi isso pensando num verso de Claudio Willer: "É preciso que sejamos modernos como o amor". Um verso que o poeta explica dizendo que esta modernidade tanto significa ser capaz de mudar quanto deixar o maravilhoso acontecer.

Você está às voltas com o maravilhoso e tem medo de se desencantar. Vai continuar vivendo o amor só no imaginário? Vai continuar se privando do rosto do amado, do olhar e da voz? Das mãos e de tudo que o sexo propicia? A luz que emana do encontro dos corpos é única. Não é preciso ser poeta para saber disso. Pena seria você não ousar o prazer da carícia. O virtual tem limites. A garantia que ele dá não compensa a privação que ele impõe. Que tal marcar logo uma data e correr o risco?

Terça-feira, 15 de Abril de 2008

Ora, o futuro



Tenho 26 anos e conheci um homem incrível na internet. Acabamos numa relação de amigos-amantes. Nos finais de semana, "brincamos de casinha" com direito à rotina de casamento, mas não temos coragem de expor o nosso envolvimento. Somos um casal nos limites das paredes de casa. Isso porque ele é 16 anos mais velho e 10 centímetros mais baixo. Não mede palavras para manifestar o encantamento com a minha maneira pouco burocrática de resolver os problemas, com a falta de tecido dos meus vestidos e as minhas soluções mirabolantes para contornar as "crises" em que mergulha por conta das nossas diferenças. Fico fascinada com as histórias que ele me conta sobre viagens, com o carinho e o respeito. Apesar de ser mecânico, ele tem uma sede invejável de cultura. Nós dois somos separados e os nossos relacionamentos terminaram de maneira trágica. Por não ter como me oferecer conforto material, ele teme o preconceito dos meus familiares. Teme ainda não ter disposição para me acompanhar nos meus melhores anos. Eu, por outro lado, tenho medo de não agüentar as pressões externas, e, como ele é bem mais velho, me pergunto o que o futuro nos reserva quando as diferenças forem ainda maiores?

Lendo o que você me escreveu, me lembrei de uma música antiga de Roberto Carlos. Uma música que ele renegou e deixou de cantar: *"Só quero que você me aqueça neste inverno /E que tudo mais vá pro inferno"*. Quem ama não abre mão do amado por nada. Quer a chama, a labareda, o incêndio de que ele é a causa. Quer a ilusão da eternidade que o amor propicia. Não quer saber da diferença de idade e de altura, e nem precisa resistir às pressões externas simplesmente porque não dá ouvidos a elas. Será que você ama o homem incrível que você conheceu ?

Chamo a sua atenção para a expressão *amigo-amante*, que torna a palavra *amizade* vazia, quando ela é plena. A relação entre os amigos pode e deve ser amorosa, mas entre eles não há sexo. Os amigos não transam, não são amantes. A relação é de outra natureza. Jamais passaria pela cabeça de um amigo, por exemplo, que ele não pode ser amigo do outro porque este é 16 anos mais velho e tem 10 centímetros a menos. Por outro lado, o amor dos amigos nunca é de agora, ele é para sempre. O tempo que conta não é o do relógio e sim o da vida, que os amigos ganham quando estão juntos. O amigo quer o outro porque este o ilumina, indica o caminho.

Por fim, fazer projetos para o futuro é perigoso. O adiamento nos rouba o presente e pode ser prejudicial à vida. Como diz sabiamente o adágio popular, o futuro a ninguém pertence, e assim nenhum de nós sabe quanto tempo vai viver. O melhor é apostar e acertar no presente.